

§ Vinheta §

[Ruídos urbanos]

O ser humano é hoje
um ser urbano.
Desde 2008,
a população rural é minoria
e a humanidade vive
principalmente em metrópoles,
onde milhões transitam por
sistemas viários
que são como sistemas
venosos,
que se tornam
facilmente venenosos
como acontece
em muitas cidades.
A mobilidade é um
desafio fundamental
num mundo
predominantemente urbano.

§ Fundo musical suave §

§

§

[Pedro Vicente]

Se a vida nas cidades

pode ser melhor ou não,
como a mobilidade urbana
tem a ver com isso?

§

Talvez as soluções se
escondam onde menos se espera.

§

A cidade é um
campo cruzado
por deslocamentos
de todos para tudo.

Trabalho, estudo, lazer,
relações, trocas de bens,
serviços, cultura,
conhecimento...

Relações e trocas que
se tornam possíveis
porque existem meios para
todos andarem pela cidade.

[Leticia]

A mobilidade urbana, ela tem
a ver com os indivíduos,
com as pessoas
que estão se movendo.

E a cidade,
ela é o que é dado
para as pessoas
se moverem.

A cidade dá as condições
de acessibilidade...

pra que as pessoas
tenham mobilidade.
Isso é responsabilidade
do poder público?

[Leticia]

Sim. Acho que a pergunta
não é o que a mobilidade
impacta na vida
das pessoas,
mas é o que a cidade
e essa infraestrutura
que é oferecida,
o que isso impacta na
mobilidade das pessoas?

Meu nome é Daniel Daibem,
eu moro aqui em São Paulo
desde 92, sou do interior,
eu vim de Bauru.

Praticamente eu organizei
a minha vida por aqui,
me deslocando de
ônibus, metrô e a pé.

Eu tive carro. Eu tive
um chevetinho 78.

Tração traseira, não é isso?
Não manjo muito de carro,
mas lembro que era
uma maquininha.

Chevete 78, no ano de 78,

era carro de boy, né?

Só que eu

tive ele em 96.

Comprei, eu já morava em

São Paulo há uns 4 anos,

e não sei por que comprei

aquela porra!

Falei: "Vou ter um carro",

e eu tive esse carro

durante 6 meses.

Não me serviu pra

muita coisa, não.

Conheço gente que gosta

de pilotar e não se estressa.

Agora, tem muita

gente que é como eu,

mas comete a

autossabotagem de pilotar.

Eu, pelo menos, tive

esse discernimento,

falei, "Pô, isso

aqui não é pra mim".

[Pedro Vicente]

E aí, tudo bem?

[Daniel]

Tudo bem? Bom dia.

§

[Pedro Vicente]

Daniel, deixa

eu te falar...

a gente tá estudando

a relação
do tempo com a
mobilidade urbana,
o que é importante na
vida das pessoas, né?
Elas têm que chegar
aos seus destinos
e ao mesmo tempo
elas têm que viver.
A minha vivência em
Sampa
me mostrou
que é muito mais proveitoso
você se deslocar de ônibus,
a pé, ou de Uber,
de táxi, por exemplo.
Você tá sendo conduzido,
mas você tem autonomia.
Posso pegar esse celular agora,
fechar 3 shows por e-mail
e não ser
multado por isso.
Eu tô no meu escritório
aqui, cara!

§

[Pedro Vicente]

Tempo não é dinheiro.

Tempo é o tecido

da nossa vida.

Pertence

a meus afetos,

é para amar a

mulher que escolhi,

e para ser

amado por ela.

Para conviver

com meus amigos.

A luta pela justiça

social começa

por uma reivindicação

do tempo.

Quero aproveitar o meu tempo

de forma que eu me humanize.

§

[Sirene ao longe]

[Laira]

Quando tô em algum

lugar sem o long,

penso que, se eu tivesse com

ele, iria muito mais rápido,

eu ia ganhar bastante

tempo com isso.

Tem vários lugares da cidade

que conheci pelo skate.

Longar um dia só na semana

pra mim não é o suficiente.

Como de manhã eu trabalho, e

à tarde já ia pra faculdade,

à noite foi

a única opção.

[Pedro Vicente]

Você acha que a mobilidade

urbana é um direito?

[Letícia]

As pessoas têm o

direito de se mover...

elas têm o direito de

experimentar a cidade,

e, na verdade, a pauta

de 2013 foi muito baseada

no conceito que vem década de

70 que é o direito à cidade.

O direito à cidade foi

mudando ao longo do tempo

pra uma coisa muito focada em

direito ao lugar pra morar,

e o direito à cidade

como um todo.

E aí teve o que eu tava

falando pra você antes,

do direito à cidade

como um lugar de festa.

A cidade como um

lugar pra você viver.

Acredito que

a gente precisa entender

a mobilidade urbana...

pra além dessa conexão
entre os lugares.
Pra além do deslocamento.
Pra além de pensar que quero
chegar do ponto A ao ponto B,
mas pensar
a mobilidade
a partir de uma
vivência da cidade.

§

§

[Pedro Vicente]

O espaço público é
mais do que o terreno
por onde circulam pessoas,
coisas e informações.

É também o palco
das relações sociais.

Como cultivar uma cidade
mais humana, mais viva,
mais integrada,
mais viável?

Difícilmente pessoas que
trabalham aqui com a gente
nessa área moram aqui.

São bem raras.

[Severino]

Meu deslocamento semanal

são 14 horas por semana.

Moro no Brás,

vou pra Itaquera,

vou pra tudo

que é lugar.

Faço, no mínimo,

60 km por dia.

Geralmente meu percurso

é de casa pra faculdade,

e gasto em torno

de 1h mais ou menos.

Não dá pra fazer nada,

tem que segurar pra não cair.

É as 2 mãos grudadas

no buzão

e pra lá e pra cá você

não consegue fazer nada.

Cochilo no ônibus...

cochilo no metrô,

e assim vai, né?

Eu faço tudo de bike.

Por quê? Questão

de mobilidade.

Ficar com a família

todos os dias...

Aí, filho enche o saco,

neto e esposa.

Então, eu me

sinto bem aqui.

Embora tenha essa

demora do ônibus.

Quando eu volto, normalmente

eu pego na Anhangabaú.

Nossa, é uma complicação,

viu? Dá desespero.

Aí, espera passar um,

espera passar outro...

Aí vem o vazio,

aí eu vou. É complicado!

[Pedro Vicente]

Qual que você acha que é

uma esperança possível,

viável, uma utopia

da mobilidade urbana

pra gente

poder perseguir?

Como sou extremamente

pragmático, minhas utopias

são praticáveis.

Acho que é um conjunto de

coisas quando os urbanistas

se entenderem

com os gestores

e os detentores da máquina,

que são os empresários,

que são donos dos lugares

onde as pessoas trabalham.

Por que não distribuir as

saídas e entradas de trabalho?

Obviamente quando alguém pede

individualmente

isso no trabalho:

"Chefe, posso

chegar às 11h e sair às 20h?",

esse é um carinho

que já fugiu do rush.

O rush é uma coisa que

nós mesmos inventamos.

Então, obedecer

o nascer e o pôr do sol

é uma coisa lá de trás

na história, né?

Outra coisa na minha utopia

que penso diariamente

quando tô andando a pé na

Rebouças e na Av. do Estado,

ou na Teodoro Sampaio

congestionada...

É só você que anda a pé

na Av. do Estado, né?

Não se anda a pé lá, ela não

foi feita pra se andar a pé,

realmente é inóspito.

Mas sempre tenho uma utopia que

é parar no semáforo e falar:

"Filho...", quase como um

profeta, um Mestre dos Magos.

"Filho, você está

vindo da onde?"

"Ok. E você está
indo pra onde?"

"Ok. Você sabia que desse
lugar que você tá saindo
onde você tá indo tem o 177H,
719B, 719E, o 7272, 7282,
7281 e o 478B,
eles te levariam até lá
pelo corredor de ônibus
por apenas R\$ 3,80?".

Tenho vontade de fazer!
É sensacional!

Um cara petulante, né?
É tipo, o maluco
do farol de trânsito.
Do farol! E é
o maluco do ônibus.

Me diga um destino.
Um destino da sua atividade,
de... produtor de
audiovisual vagabundo
que não trabalha
o dia inteiro.

Tô tirando sarro!
Quem, eu?

Tô brincando, você
trabalha pra caralho!

As pessoas acham que
quem trabalha com arte...
Saio da Consolação pra ir...
Vai, você tem que ir

aonde, fala aí...

Na Ribeiro do Vale, lá no
Brooklin. Nem é tão longe.

No Brooklin?!

No Brooklin!

Consolação pro Brooklin.

Como que você vai?

Cara, eu fui uma vez
de trem. Peguei o metrô,
fui até a estação Pinheiros,
peguei o trem até a estação
não sei o que lá,
e peguei um Uber.

Beleza! Ó, hoje em dia,
você saindo da Consolação...

Normalmente vou de carro.

E leva quanto tempo?

40 minutos.

Ok!

Você poderia pegar o 7245,
que é um ônibus vermelho

que se chama Santo
Amaro/Hospital das Clínicas,

ele sai ali da

Rua Mato Grosso,

atrás do cemitério

da Consolação,

onde tem uma funilaria

que tem um cachorro

chamado Bruce,

que tem 14 anos,

[Voz mais grossa]

"Brução, velho Bruce".

Todos os cobradores desse

ônibus conhecem o Bruce.

Ó quanto você descobre

andando de ônibus.

Senta no ônibus, ele vai entrar

no corredor da Consolação,

da Rebouças, vai entrar

na Faria Lima

que não tem corredor

à esquerda, só à direita,

que vai rápido. Quando

tenho reunião na Behini,

que é um caminho

pro Brooklin,

eu levo 35 minutos

até lá. Por R\$ 3,80.

Olha que interessante.

[Ruídos urbanos]

[Ruídos urbanos]

E você acha que

do ponto de vista global,

do Brasil, a mobilidade

urbana tá sendo...

melhorada? Tá rolando

uma evolução?

O transporte ativo tá

sendo mais valorizado?

Ou não?

[Leticia]

Acho que a gente

tá caminhando...

Às vezes mais rápido,

às vezes mais lentamente...

pra promover o uso

desses modos.

O problema é que toda

política que você faz

de favorecer

o uso do carro,

você vai piorar as condições

pro pedestre e pro ciclista

usarem a cidade.

Existe uma competição

entre a ideologia

de que todo mundo

precisa de carro,

o que é falsa,

porque se você olhar,

por exemplo, da OAD,

Origem de Destino do

Metrô, 30% das viagens

são realizadas com carro.

Só que quando você

relaciona isso
à quantidade de viagens
que são feitas por carro
por pessoa, você vê que
a quantidade de pessoas
efetivamente que usa
carro é muito pequena,
20% da população usa carro.
O resto, 80%, não usa carro.
Quando se faz políticas
que favorece o uso do carro,
se é excludente, pois se
deixa de fora essas pessoas.

[Pedro e Letícia]

- 80%.

- 80% das pessoas.

[Letícia]

Porque são renegados
ao espaço público e à ordem.

[Pedro Vicente]

A ONU fez um levantamento
sobre a prioridade das
pessoas nas grandes cidades:
tempo ou dinheiro?

O resultado
mostra a relação
com a Linha do Equador
e dos Trópicos.

Quanto mais longe,
a resposta foi o dinheiro.

Quanto mais perto,
foi o tempo.
Onde o clima e a
natureza colaboram,
vale mais o tempo
do que o dinheiro.
Onde o frio é mais extremo,
o dinheiro é prioridade.
A mobilidade urbana
de cada região
precisa encontrar os
próprios caminhos
pra que possamos todos
dispor de nosso tempo
com maior fluidez
e liberdade.

§

[Laira]

Venho pra essa praça porque
é perto da minha faculdade,
consigo vim
remando,
e à noite ela tem
bastante movimento.
Então eu saio da
faculdade umas 22h,
consigo descer pra cá e andar
aqui até tarde com o pessoal.
O metrô é aqui

perto também,
então consigo ir remando
até lá e chegar em casa
com mais facilidade.

Como de manhã
eu trabalho,
e à tarde eu já ia
pra faculdade,
à noite foi
a única opção.

Parando pra pensar,
é total liberdade
que você tem aqui comparando
com o que você tá vendo ali.

A cidade totalmente
livre aqui,
e graças a Deus você
tá a pé. E de skate.

Tá livre pra voltar
pra casa se quiser.

Não precisa esperar
saírem da sua frente.

Quem vê a gente pensa:

"Esses menino devem ser louco".

[Zaymon]

Aqui é como se fosse
meu parque de diversão.

Atualmente, tô trabalhando,
mas saio de casa

como uma parada,
venho, ando de skate.

E isso é um lugar que
me influencia bastante.

[Thiago]

As pessoas se olham,
ainda se respeitam.

Eu acho bem
harmônico aqui.

Não penso em ter
carro, nunca pensei.

Acho que é um desperdício
de dinheiro, pois é muito caro.

E o tempo que eu vou gastar
usando ele é muito maior
do que eu vou usar pegando
um ônibus ou metrô,
e a grana em combustível,
imposto não vale a pena.

Meu pai não faz nada,
não vai pra nenhum lugar
se não for com o carro.

E eu já gosto de ir
pra qualquer lugar
e eu não preciso de carro.

É totalmente diferente.

Você tá se locomovendo,
pensando no que vai fazer,
interagindo com o ambiente,
com as pessoas,

ali você tá vivendo

de verdade. Skate é isso.

§

§

[Daniel]

Faz muito pouco tempo
na história da humanidade
que a gente anda a cavalo,
anda montado em alguma coisa.

Muito pouco tempo!

Como desaprendemos tão rápido
o hábito de andar?

Há algo a se pensar
sobre isso, o mau hábito.

Eu vejo o cidadão acordar
domingo às 8h30,
ele pega o carro,

leva até a Av. Paulista.

Aí ele para ali e caminha
na Av. Paulista,

porque agora pode-se
caminhar na Av. Paulista,
só que aí é um avanço.

Só que ele ainda não percebeu
que caminhar não é só
caminhar como lazer,
ele pode usá-lo pra ir
de um lugar ao outro.

Então ele vai lá, caminha,
faz o esporte dele,

aí ele pega o carro de novo,
volta pra casa dele.
Será que ele não pensou que podia ter feito isso a pé?
Ele já conciliava caminhar
com o deslocamento.

[Pedro Vicente]

Afinal de contas,
o que a urbanidade
tem a ver com o tempo?
Acho que o tempo é
a principal disputa.

Você disputa o tempo
que você tá na cidade,
você disputa o tempo pra
você chegar nos lugares.
E você está no Centro.
Morar e trabalhar perto
é você gastar menos tempo
com os deslocamentos.
Você ser expulsado
pras periferias
e cada vez mais longe,
e você sobrecarregar
o tempo nessas pessoas.
O tempo tem a ver com como
você se desloca no espaço.
Por exemplo, essas faixas
pra ônibus ou corredores,
você melhora
o tempo do ônibus,

você favorece um entendimento
de que aquele modal é melhor.
Você restringe bastante
o espaço pro carro,
e torna ele insuportável com
esse congestionamento daqui.
Quanto mais
congestionamento tiver,
mais isso vai
pesar na balança
na escolha pro modo
que você vai usar.
E quando você pensa...
e gosto de pensar assim...

Se você pensa que
a mobilidade na cidade,
se deslocar pela cidade não é
só se deslocar pela cidade,
é viver a cidade plenamente...

Viver a cidade...

[Letícia]

Quando eu uso
a bicicleta,
eu não tô só indo
de um lugar pro outro,
eu tô também curtindo esse
momento de me deslocar.

Recebendo vento
no rosto,
tendo contato com pessoas,

encontrando amigos na rua.

Tendo contato

com a natureza,

e poder escolher caminhos

que são mais agradáveis.

Quando você tá no carro,

pode até economizar tempo.

Pro meu deslocamento

cotidiano,

talvez até fosse

mais rápido de carro.

Mas a sensação de

estar dentro do carro,

trancada, como se

fosse uma bolha ali,

numa paisagem que

não tem relação social,

nem com a natureza,

pra mim é pior.

É como se fosse um

hiato no tempo, né?

Você entra dentro do carro,

você suspende tudo,

até a hora que você

chegar e voltar a viver.

[Ruídos urbanos]

[Pedro Vicente]

Diz a lenda que você foi

de ônibus pro seu casamento.

[Daniel]

Não é lenda. A foto
tá no Instagram.
Era esse ônibus aqui,
o Cardoso de Almeida.
Como não pretendo casar
muito na minha vida,
e sei que seria emblemático,
eu já faço isso...

Na verdade, era
super perto de casa.

Eu poderia ter
pego um Uber,
ou ido de carona
com meu sogro,
mas nesse dia ele ia
buscar a noiva.

Foi o meu sogro que
entrou com ela no altar,
então levou de carro.

[Pedro e Daniel]

- De fraque no ônibus?

- De terno, bonitão.

[Daniel]

Tirei foto,
tá no Instagram.

Foi nesse ônibus aqui.

Lembrei e falei,

"Se eu andar até a Vila Boim,
e entrar no ônibus,
vai ser gostoso chegar lá
e desembarcar".

Tava meus pais, eles não são
daqui. Meu pai já morreu.

Além de ser algo que já faço,
vai ser gostoso.

Vai ser provocativo.

Sei que é provocativo
e emblemático
publicar.

E botei assim, "Tô indo
ali casar e já volto".

§

[Ruídos Urbanos]

§

[Letícia]

Se você tem um pensamento
de que... o que você falou,
é um hiato no tempo,
o deslocamento,
de que você entrou no carro,
parou de contar o tempo,
chegou no seu trabalho,
começou a contar de novo,
se a relação que
você tem é essa,
você não vai conseguir
incluir um entendimento
de que a cidade é
para ser vivida plenamente.

Se você tem o uso do
espaço público pro lazer,

pra festa, pra estar
e conviver,
e não só pra se deslocar,
isso é importante pra
ressignificar esse espaço.
Eu não sou daqui,
eu vim com 14 anos,
vim de Salvador, na Bahia,
e eu ficava chocada
como os paulistanos não
usavam o espaço público.
Tenho família no Rio,
ia muito pro Rio de Janeiro,
e nesses últimos tempos,
vendo as pessoas
ocupando os
espaços da cidade,
reivindicando estar
na cidade,
querendo estar na cidade,
e tendo essa diversidade
de poder... De ter esse
direito de estar na cidade.
De poder
ocupar a Paulista,
ficar num espaço
que é de todos,
como ele realmente é
de todos, e não só de carros,
e é somente aos domingos,
e nem ao domingo inteiro,

é uma parte do domingo,
mas é um movimento incrível
e que eu acredito que...
aponte pra um lugar
mais rico.

Tem muita coisa
sendo pensada,
e é uma questão mais de
vontade política mesmo, né?
Não sei se vontade política,
porque esse termo
que esconde um pouco
as questões em jogo.
Existem interesses por trás,
há interesses em se manter...
O carro não tem só a ver
com indústria automobilística,
mas com empreiteiras, que podem
construir pontes, estradas...
Então, movimenta a economia
de uma forma que...
não necessariamente
promove empregos.
Então existe desinteresses
e eles são disputáveis.
Por isso que acho que
a sociedade civil
tem um papel importante
de entrar nessas arenas
e tentar disputar

esses interesses,
e colocar os interesses de
uma cidade mais humana,
mais a pé, mais de bicicleta,
dentro das pautas de política
e da agenda, tentar
criar a partir disso,
alavancar políticas
que favoreçam isso.

§

[Letícia]

Nós queremos a rua, a cidade,
não queremos ficar
dentro das nossas casas!

A gente quer o espaço público
e a convivência social.

[Pedro e Letícia]

- Quer tá junto.

- E quer a diversidade.

[Letícia]

Quer disputar um espaço,
não quer mais a hegemonia
de um modo de deslocamento.

Queremos poder entrar nesse
sistema e ser incluídos nele.

§

§

§

§

§

§

§

§

§

§